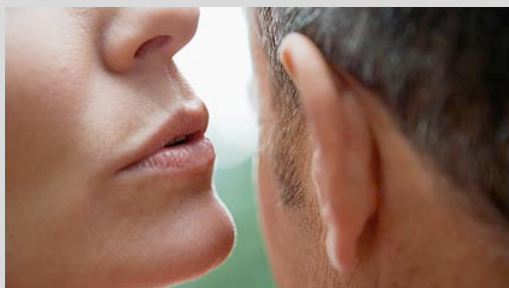


Editorial

Amor



“Las parejas felices se incentivan mutuamente para lograr sus ambiciones y conquistar sus pasiones. Si sienten que la llama se apaga, planifiquen cambiar la rutina juntos; de esa manera, apoyarán los deseos y necesidades del otro.”

Estas palavras, extraídas do estudo realizado com mais de 8 mil pessoas acima de 50 anos, por Chrisanna Northrup, Pepper Schwartz e James Witte - *Sex at 50+: What's Normal* (El sexo después de los 50: ¿qué es lo normal?) - publicado na revista da AARP (*American Association for Retired People*)¹, iniciam e reforçam a **edição temática – AMOR - nº 33 da Revista Portal de Divulgação.**

Há alguns meses a equipe da Revista, em reunião de pauta comentava, informalmente, o filme francês *Amour*, ganhador do OSCAR de 2012, e que impactou fortemente o grupo e o público em geral.



Nossa conversa animada sobre o tema se estendeu e percebemos como provocava vibração e interesse. O amor juvenil, seu ímpeto sexual e a insegurança dos relacionamentos, expressos ou contidos, sempre foram temas importantes em diferentes épocas. Com a longevidade da população o tema amor e sexo, ainda tabu, adquire novos contornos e espaços de reflexão, como no artigo *Casarse en la*

*vejez: el caso de Di Stéfano*² *instala un debate*, trazendo à luz, em uma história real, as articulações entre amor, demência, incapacidade jurídica e papel da família, assuntos que igualmente permeiam o filme *Amour*.

¹ *Sex at 50+: What's Normal* (El sexo después de los 50: ¿qué es lo normal?), por Chrisanna Northrup, Pepper Schwartz y James White. Revista AARP - *American Association for Retired People* - febrero/marzo de 2013, pp. 44-47. Disponível em: <http://www.aarp.org/espanol/hogar-familia/amor-sexo/info-02-2013/sexo-pareja-pasion-hacer-amor.3.html>. Acesso em 15/05/2013.

² Ver <http://www.eldia.com.ar/edis/20130516/Casarse-vejez-caso-Di-Stefano-instala-debate-informaciongeneral3.htm>. Acesso em 20/05/2013.

O número de anos vividos promovido, em parte, pelos avanços das ciências, torna realidade a diferença importante entre o amor vivido nos tempos remotos, no qual a idade avançada de 80 e + ainda não era “normal”, e o experienciado nos dias atuais.

Perguntamo-nos: o que seria semelhante ou diferente no amor ao longo da vida? Existem diferenças acentuadas entre jovens e velhos? O interesse sexual persiste? A ternura e o companheirismo podem de certa forma “ocupar” o lugar do sexo, praticado sem restrições? E as histórias de amor?

Terminamos a reunião com a seguinte expressão de uma de nossas colegas: -

Ah! O amor...!

Surgiu assim o encontro “inesperado” com o tema desta edição.

Interessante ressaltar que dos artigos enviados, os três primeiros têm como base o filme já citado, analisando-o sob ângulos distintos e complementares.

Em *Amor - o filme. Reflexões*, as autoras abordam o tema também na perspectiva histórica, como no trecho a seguir:

“Do ponto de vista histórico e filosófico, o tema do amor adquiriu diversas explicações, por meio dos mitos, pelo Cristianismo, até chegar ao modelo contemporâneo. Sabe-se que cada época tem sua modalidade de amor e de relacionamento, e o modo como os costumes e hábitos são produzidos na e pela cultura atravessa décadas e até séculos, naturalizando o que é uma construção histórica. Porém, é importante lembrar que os hábitos e costumes atuais não invalidam nem são superiores aos de períodos anteriores, e sim se constroem, se produzem e se reproduzem de forma processual na cultura”.

Ampliam o debate acrescentando na análise do filme e em suas reflexões as raízes do termo e seus desdobramentos, a partir do pensamento grego, que indica três tipos de amor: *éros*, *philia* e *ágape*.

Em *“Amour” e outras histórias, segundo a visão masculina*, o tema é abordado de forma original, centrado nos homens envolvidos em sua produção: o diretor Michael Haneke, 70; o ator Jean-Louis Trintignant, 81, e seu personagem Georges, igualmente octogenário. O olhar masculino no filme se baseia em experiência pessoal de Haneke, como indica a autora:

“A trama é inspirada em seus pais, que foram artistas de teatro e cinema, passaram pela mesma dolorosa situação narrada no filme”. Nas palavras de Haneke:

“Quando chegamos a certa idade, somos confrontados com o sofrimento de quem amamos. Isso é inevitável, e na minha vida também. Não escrevo filmes para mostrar algo, não quis falar sobre a sociedade em si”.

A autora do artigo analisa o filme:

“Eu prefiro dizer que ‘Amour’ é um pequeno recorte da imensidão do que significa amar na visão masculina, da sensação de ter o ‘outro’ – no caso, a mulher que outrora emanava força e hoje fragilidade – como parte, quase uma extensão, sem medida, sem contornos e sem limites de si mesmo. Uma história sem fim”.

Podemos afirmar que o trecho espelha o pensamento feminino sobre o que é amar?

Em *Amor e outras “ciências”*, a reflexão se baseia na neurociência e no pensamento freudiano, que afirma as ligações amorosas como pulsão sexual - preservação da vida, ou seja, a pulsão de vida (Eros), e pulsão de morte (Tânatos) potencial destruidora do que é vivo, agressividade voltada para si mesmo e para o outro. Afirma a autora em sua análise de *Amour*.

“Do arrepio do medo na iminência da morte, ao orgasmo pela convivência a dois, a pessoa que envelhece é capaz de corar, suar, ofegar, o coração bater mais rapidamente e entristecer-se, pois a vida é assim uma contradição – ‘é um contentamento descontente’, como diria Camões”.

Enfatizando o significado do mês dos namorados, data marcada pelo 12 de junho, ressalta:

[...] há que se discutir a sexualidade; questões a respeito do corpo, representações sociais da velhice, trajetórias de vida e a constituição dos afetos, entre outros aspectos importantes, para compreender o processo de envelhecer na contemporaneidade [...] “É no amor e em sua dualidade que se vive em qualquer idade”.

Conte-me! O que é o amor para você? indica os caminhos dos sentimentos amplos do que é amar – para além do significado convencional: amor ao trabalho, à família, amigos, à vida – nas palavras de Elpídio, 63, e Antonio Freitas, 64, que vivem com a família e ainda trabalham; e o amor esquecido, postergado, sem esperança de Nelson, 72; Deraldo, 74; Lica, 72; Zeza, 80; Balmi, 80; Diolinda, 80; todos vivendo em uma Instituição de Longa Permanência Para Idosos (ILPIs). Pergunta a autora:

“Como os espaços coletivos de vivências prolongadas para pessoas acima de 60 anos dão continuidade ao fortalecimento das histórias de amor?”

Outras histórias surgem em *O que é o amor? O que é uma história de amor?*, tomando como base uma pequena reflexão enriquecida por cinco depoimentos dados à Equipe Portal:

Os casais Dalzira e Vicente - história relatada pela filha Márcia, 55 -; José e Zizi (por volta de 75 anos quando do relato); Genoveva e Amaral (já falecidos) no

relato da filha Rita, 66; além de Nessi, 68; Julia, 79; Antonio, 70; Elvira, 69, e Olívia, 63.

Para cada um, ou na lembrança de seus filhos, destaca-se uma história de amor construída ao longo da vida com sacrifícios, realizações, esperanças e a certeza das possibilidades de uma existência longa e partilhada – amores e dores.

O mesmo formato – pequeno texto reflexivo seguido de relatos – é indicado em *Mulheres: menopausa e vida amorosa*. As autoras da reflexão assinalam:

“Ter 50 anos ou mais é uma dádiva de sucessos, transformações, ganhos, entrada para a maturidade, possibilidade de reconciliação com os pais internos. Quem sabe o ingresso no papel de avó, momento que exige enormes mudanças de posição”.

Da pesquisa informal com duas perguntas, organizada pela equipe Portal via internet, participaram 33 mulheres com idade variando de 28 a 86 anos.

Para a pergunta *A menopausa teve (ou tem) repercussão em sua vida amorosa? Se sim, o quê?* obtivemos 21 respostas com mulheres na faixa etária de 48 a 86 anos.

Para a pergunta *Que impacto você imagina que terá em sua sexualidade quando estiver na menopausa?* foram 12 as participantes, na faixa etária de 28 a 51 anos.

A diversidade das respostas nas duas faixas etárias e no conjunto mostra um panorama das questões reais vividas por todas as mulheres em suas trajetórias. Deixamos, como no texto, uma questão aos nossos leitores:

“Como manter o equilíbrio, em momentos nos quais problemas de saúde e/ou relacionamento se apresentam? Podemos controlar a vida?”

O artigo *E o vento insistiu, mas não levou... o Amor* - se inicia, como diz a autora, com o amor “rasgado”, traduzido nas palavras de Mario Quintana:

“amar: fechei os olhos para não te ver e a minha boca para não dizer... E dos meus olhos fechados desceram lágrimas que não enxuguei, e da minha boca fechada nasceram sussurros e palavras mudas que te dediquei... O amor é quando a gente mora um no outro”.

Mas sua análise é crítica, na qual se entrelaçam livros, reportagens, música e imagens fotográficas, formando um “saboroso painel deste sentimento tão presente e ao mesmo tempo tão desconhecido”.

“Quantos fins de tarde cabem neste amor?”

O amor na maturidade é o título da entrevista com a psicanalista carioca Elizabeth Cristina S. Fernandes, que aborda o amor maduro. Com uma poesia de Artur da Távola ela encerra seu depoimento, não sem antes dizer:

“Refletindo acerca do que é o amor vivido entre duas pessoas ao longo de muitos anos, cheguei à conclusão de que é o sentir-se acompanhado na alegria, na tristeza, na saúde e na doença, até que vida temporariamente as separe”.

As duas crônicas desta edição - *O amor através das canções* e *Valsinha* - têm como fio condutor músicas que embalam tantas gerações, e contam tantas histórias. Um registro poético nas palavras de Dorival Caymmi:

*Porque de amor para entender
É preciso amar...*

Ou nas palavras sempre lembradas, pelos apaixonados, de Roberto Carlos:

*Sei tudo que o amor é capaz de me dar
Eu já sofri, mas não deixo de amar...*

E na *Valsinha*, de Chico Buarque:

*Depois os dois deram-se os braços como há muito tempo não se usava dar
E cheios de ternura e graça, foram para a praça e começaram a se abraçar
E ali dançaram tanta dança que a vizinhança toda despertou
E foi tanta felicidade que toda cidade se iluminou
E foram tantos beijos loucos, tantos gritos roucos como não se ouvia mais
Que o mundo compreendeu, e o dia amanheceu em paz.*

Músicas românticas que trazem saudades da juventude, tempo no qual amor e sexo caminhavam lado a lado. E agora na velhice, esse binômio não se realiza?

A resenha do vídeo *A dança da vida*, de Juan Zapata, trata a questão com a força dos depoimentos reais. Diz a autora:

“O filme narra as percepções de distintos grupos de idosos sobre sua sexualidade, seus hábitos e os lugares que frequentam. São apresentados 80 depoimentos de pessoas idosas, com idades variadas, como as reflexões e os questionamentos que surgem com a chegada dessa etapa da vida e o impacto na sexualidade”.

Falar de amor e sexualidade na poesia, na música, no cinema - espelhos da vida - como surgem nesta edição especial, provoca alegria, esperança e todas as possibilidades de um sentimento forte e profundo que cultivamos ao longo da vida.



Deixamos aos leitores as perguntas de base do estudo de Northrup et al (2013), já citado no início deste Editorial. Reflita sobre elas, dê sua resposta.

Beija e abraça seu parceiro (a) em público?

Dão-se as mãos de vez em quando?

Diz “Eu te amo” ao companheiro (a)?

Sente que seu companheiro (a) o (a) ama mais do que quando se casaram ou passaram a viver juntos?

Seu companheiro (a) satisfaz suas necessidades?

Costumam ter um tempo só para os dois à noite?

Com que frequência fazem amor?

Ah! O Amor...!

Boa Leitura

Beltrina Côrte e Vera Brandão
Editoras